



Exame do vocabulário médico no Português no século XVIII: contribuições da lexicometria para o desenho de um dicionário histórico

Investigating medical vocabulary in Portuguese in the 18th century: contributions from lexicometry to the design of a historical dictionary

Rafaela Radünz LAZZARI (UFRGS, PIBIC-CNPq)¹

Maria José Bocorny FINATTO (UFRGS, PPG-LETRAS, CNPq)²

Resumo: O artigo relata um exame lexicométrico realizado, com apoio computacional, de duas obras de valor histórico publicadas em português: um manual médico de 1707 e um manual de enfermagem de 1741. O referencial teórico-metodológico do trabalho provém dos estudos de Terminologia Diacrônica e Lexicometria, no âmbito dos estudos linguísticos do Léxico. Como resultados, apontam-se terminologias em comum e exclusivas, extraíndo-se uma série candidatos a verbetes, apresentados em modo preliminar, para integrar um protótipo de um glossário histórico dedicado ao tema das doenças e seus tratamentos.

Palavras-chave: lexicometria; terminologia histórica; glossários; hiperdicionário; vocabulário da medicina

Abstract: The article reports a lexicometric examination, carried out with computational support, of two works of historical value published in Portuguese: a medical manual from 1707 and a nursing manual from 1741. The theoretical-methodological reference of the work comes from the studies of Diachronic Terminology and Lexicometry, within the scope of linguistic studies of the Lexicon. As a result, terminologies common to both works or exclusive to one of them are pointed out, extracting a series of candidates for entries, presented in a preliminary way, to integrate a prototype of a historical glossary dedicated to the theme of diseases and their treatments.

Keywords: lexicometry; historical terminology; glossaries; hyperdictionary; medical vocabulary

Introdução

¹ Graduanda do curso de Letras-UFRGS, Bacharelado em Letras, hab. Tradutor Português-Alemão. Bolsista de Iniciação científica do Programa PIBIC-UFRGS-CNPq. E-mail: rafaelalazzari@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-6497-8814>

² Doutora em Letras/Estudos da Linguagem pela UFRGS, Docente do PPG-letras-UFRGS, pesquisadora do CNPq. E-mail: maria.finatto@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6022-8408>

A compreensão da leitura de textos médicos antigos ou históricos, disponíveis em português, normalmente requer a consulta a uma série de materiais de apoio, edições filológicas e obras de referência. Afinal, o leitor precisa conseguir contextualizar conceitual e linguisticamente a informação veiculada na documentação que acessa.

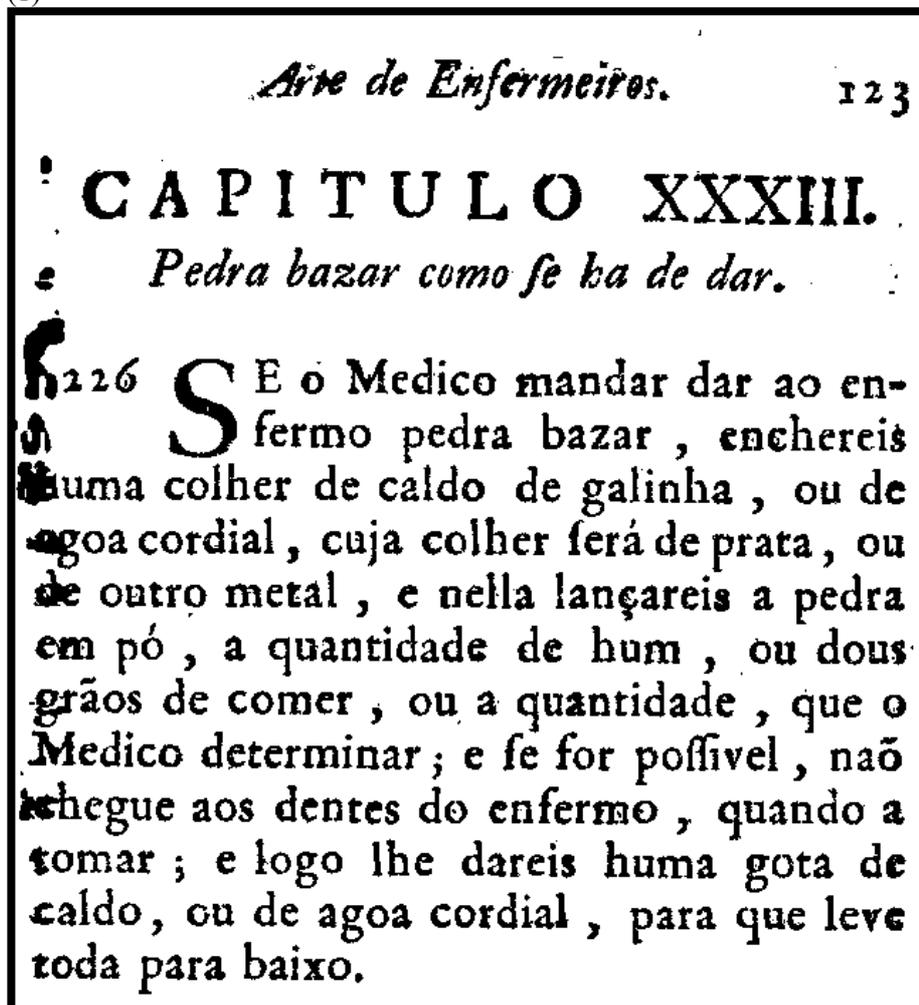
Assim, a motivação para o estudo aqui relatado é auxiliar estudantes e profissionais de Letras, História, Medicina, documentalistas e demais pesquisadores no seu trabalho com textos sobre temas de Saúde impressos em português no século XVIII. Para tanto, estamos construindo um *corpus* de obras médicas impressas ao longo desse século, sendo que esse *corpus* conecta-se com alguns materiais de apoio, como glossários e materiais de estudo sobre a história das terminologias médicas. Esses materiais estão sendo reunidos em bases textuais *on-line*, de acesso livre, disponíveis nos sites *Terminologia Histórica* (<http://www.ufrgs.br/textecc/terminologia/>) e *Corpus Histórico da Linguagem Médica* (<https://sites.google.com/view/projeto38597?pli=1>).

Com base no estudo lexicométrico do texto das transcrições das obras abrigadas no *corpus* acima citado, estamos desenvolvendo um protótipo de um glossário histórico das terminologias médicas (doravante *GlossHist*), conforme empregadas nessas fontes documentais do século XVIII. Mais adiante, os verbetes desse protótipo se vincularão, como um nódulo de dados, a um futuro hiperdicionário de Epidemiologia Histórica, que associará as informações antigas a uma série de dados atuais.

Não obstante, o principal interesse do trabalho em torno do *GlossHist*, aqui relatado, que parte de um conjunto de manuais médicos antigos tratados como *corpora* linguísticos, é ajudar a estabelecer uma linha sócio-histórica da evolução de saberes e de conhecimentos. Essa linha pode ser acompanhada também pela via das terminologias empregadas nos textos, em um *continuum* que se propaga do império de Portugal até o Brasil colonial.

Para ilustrar algumas questões e necessidades associadas à compreensão de leitura de um impresso médico antigo, vejamos o trecho de uma das obras já associada ao nosso *corpus* que está no Exemplo 1. Essa obra corresponde a um livro impresso com 300 páginas numeradas e mais 16 folhas.

(1)



Fonte: *Internet Archive. Postilla Religiosa, e Arte de Enfermeiros* (1741). Disponível em: <https://archive.org/details/b30507340>. Acesso em: 1 abr. 2023.

Para compreender esse pequeno parágrafo da obra *Postilla Religiosa, e Arte de Enfermeiros* (SANTIAGO, 1741), publicada em Portugal, com mais de 300 páginas de conteúdos, será preciso, por exemplo, saber o que significavam termos como **pedra bazar** e **agoa cordial**. A tecnologia de tipografia disponível, as variações de escrita e os diferentes sistemas de medida antigos citados (**quantidade de hum, ou dous grãos de comer**) também são fatores, entre tantos, que podem dificultar a compreensão da informação veiculada.

No âmbito do nosso projeto de pesquisa *Corpus Histórico da Linguagem Médica*, oferecemos acesso, atualmente, às duas seguintes obras: a já mencionada *Arte de Enfermeiros* (1741, doravante *Arte*), de autoria do padre-enfermeiro Diogo de Santiago (f. 1747), e *Observações Medicas Doutrinaes* (1707, doravante *Observações*), escrita pelo médico João Curvo Semedo (1635-1719). O material textual é oferecido também, nos *sites* já mencionados, em formato de arquivos de transcrição simplificada, para processamento por ferramentas computacionais.

Além dessas duas obras, que funcionavam como manuais para médicos e enfermeiros (GONÇALVES, 2020; FINATTO e PARAGUASSU, 2022), o projeto já está incorporando à sua base obras escritas por cirurgiões e outros práticos envolvidos no atendimento aos doentes ao longo dos Setecentos, em diferentes cenários, como a obra

Aviso à gente do mar sobre a sua Saúde de Mauran & Carvalho (1794), dedicada ao atendimento de pessoas embarcadas.

Do cenário temático do nosso acervo documental, projeta-se o *GlossHist*. Para embasá-lo e concretizá-lo, é preciso entender qualitativa e quantitativamente os universos vocabulares, os significados contextuais e o foco temático de uma série de denominações, expressões e respectivos conceitos conforme sejam empregados ao longo das inúmeras frases dos textos. Assim, para o exame linguístico-conceitual dos textos transcritos, contamos apoio de ferramentas e de técnicas básicas da Linguística de Corpus (BERBER SARDINHA, 2004) e de procedimentos de Lexicometria (SANROMÁN e DOCÍO, 2022) e dos estudos de Terminologia Diacrônica (DURY e PICTON, 2009). Essas referências teórico-práticas, a seguir justificadas, são suporte ao trabalho de seleção de itens candidatos a encabeçar os verbetes do futuro *GlossHist*.

Este artigo, na sequência, situa brevemente os pressupostos teóricos deste estudo, os métodos e os resultados da prospecção vocabular do *corpus* sob exame, e o processo de seleção inicial de itens para encabeçar verbetes no *GlossHist*. São também apresentadas algumas propostas estruturadas de verbetes. Ao final, na parte de perspectivas, comentamos, brevemente, como seria a conexão entre o *GlossHist* e o futuro hiperdicionário de Epidemiologia Histórica.

Bases teórico-metodológicas deste estudo

Para reconhecer o vocabulário terminológico empregado ao longo das duas obras do *corpus*, baseamo-nos na Terminologia Diacrônica (DURY e PICTON, 2009) e em uma perspectiva sócio-histórica do funcionamento das terminologias em diferentes cronologias (MURAKAWA e NADIN, 2020; CARVALHO, MARENGO, BOCORNY FINATTO, 2022). Essas referências justificam-se à medida que guiam o trabalho de reconhecer os usos e os valores contextuais do vocabulário terminológico de épocas passadas. Também nos orientam sobre a necessidade de contar com o apoio de uma série de obras de referência, e sobre o modo de compilar as informações contextuais em fichas terminológicas. Essas fichas, especialmente elaboradas, funcionam como verdadeiros dossiês dos termos verificados e são a base de sustentação para a apresentação dos verbetes aos consulentes.

No exame dos textos, recorreremos à Léxico-Estatística de base computacional (QUARESMA, 2013) e à Lexicometria (SANROMÁN e DOCÍO, 2022). Essas referências teórico-metodológicas nos trazem técnicas e procedimentos que nos permitem quantificar usos de palavras e de expressões ao longo de textos. Esses procedimentos quali-quantitativos embasam a depreensão de padrões de usos. Com as ferramentas de Lexicometria, obtêm-se diferentes listagens sobre o emprego de palavras e expressões multipalavra, viabilizando-se, inclusive, uma série de contrastes do vocabulário de diferentes obras.

As informações extraídas, em forma de dados lexicométricos estruturados, permitem estabelecer hipóteses passíveis de verificação sobre os conteúdos textuais e auxiliam na sua representação resumitiva, que também pode ser bastante detalhada, na forma de esquemas de conteúdos, grafos e/ou ontologias. Conforme Sanromán e Docío (2022), os procedimentos mais básicos da análise lexicométrica incluem: etiquetagem/reconhecimento morfossintático de unidades; identificação de formas-base de palavras (lematização); detecção de frequências e distribuição de palavras; extração de palavras-chave; extração de expressões multipalavra e de Entidades Nomeadas; extração de relações entre os itens verificados – como X causar Y. Todavia, é preciso levar em conta, sublinhar, que estamos lidando com textos que se apresentam em sua ortografia

original, plenos de variação na escrita. Essa variabilidade das formas das palavras será preciso incluir nos passos do trabalho computacional.

Assim, em resumo, consideramos que análise lexicométrica, baseada na prospecção das palavras que perfazem um dado texto ou fonte documental, com apoio computacional, é uma ferramenta preciosa para apoiar os estudos de terminologias no nosso *corpus*. Feito o estudo prospectivo desse repertório vocabular, ao identificarmos possíveis candidatos a verbetes, a eles juntamos informações de dicionários antigos e atuais, apontando suas características semânticas e conceituais, com a devida informação sobre as variações de grafia e correspondentes modernizados. Esse é um conjunto de dados que ilustra os tipos de informações que o *GlossHist* precisará apresentar nos seus verbetes.

Nesse cenário de estudos, temos também, como referência teórica, a Lexicologia. Para nós, esse é um dos ramos da Linguística – teórica, aplicada ou descritiva – que se dedica ao estudo das palavras, da sua categorização e dos seus modos de estruturação. Conforme revisam Krieger (2016, pp. 557-558) apud Silva e Bevilacqua (2021, f. 3), no Brasil, “consolidou-se uma tradição de considerar a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia como um tripé que corresponde ao que se passamos a denominar de ‘as Ciências do Léxico’”.

Nessa tríade, em linhas gerais, conforme Silva e Bevilacqua (2021, f. 3), “a Lexicologia investiga vários fenômenos: unidades mono e polilexicais, formação de palavras, neologismos, empréstimos linguísticos, topônimos e antropônimos”. Por sua vez, a Lexicografia lida “com os parâmetros para o registro de tais unidades num produto final (dicionário, glossário, banco de dados, etc.), com a elaboração desses produtos e também com a análise deles”. Enfeixando o trio, a Terminologia, investiga a linguagens técnico-científicas e elabora produtos dicionarísticos e repertórios sobre termos e conceitos associados a um dado domínio ou área de conhecimento. Atualmente, vemos o investimento, nessa área, também para que se possa traçar uma história ou cronologia das linguagens especializadas.

Assim, a palavra “em estado de dicionário”, carregando todas as suas potencialidades de uso, passa a ser entendida como um item do léxico (ou *lexema*); enquanto as realizações e os seus usos concretos, em textos, nos mostram um item de vocabulário (ou *lexia*). Diferentes estudiosos usam os termos léxico e vocabulário de modo semelhante, com o mesmo sentido de lista ou repertório de palavras, outros fazem e demarcam com cuidado essa distinção conceitual. Todavia, neste trabalho vamos utilizar apenas termo **vocabulário** quando estivermos considerando as formas realizadas das palavras ao longo dos textos escritos com que vamos trabalhar.

Conforme frisado, lidamos com textos e discursos sobre temas médicos, impressos em português ao longo do século XVIII. Com eles, fazemos um estudo de Lexicologia Histórica ou Diacrônica que é, ao mesmo tempo, estrutural e quantitativo. Isso porque tentamos, primeiro, obter um panorama estatístico geral do uso das palavras. Esse panorama serve para vislumbrar um conjunto de relações, para então partirmos para uma seleção de possíveis verbetes.

Por fim, é ainda importante ressaltar que **palavra gráfica** tende a ser a noção de palavra presente em estudos como esse, apoiados nas ferramentas computacionais, pois tratamos de *escrita* em um enfoque bastante básico ou mesmo rudimentar. Dessa forma, grosso modo, palavra, nesse enfoque metodológico, corresponde apenas a “[...] toda unidade linguística mínima que pode constituir significado, delimitado na escrita por dois espaços em branco e/ou sinal de pontuação” (BISOGNIN, 2009, p. 25). Assim, vale dizer que Linguística de *Corpus* (LC), também guia o nosso trabalho, como abordagem e como

metodologia. A LC é uma Linguística (BERBER SARDINHA, 2004) que descreve os usos contextuais de palavras, seus sentidos e as regras do seu funcionamento em um dado estado de língua. Esses usos e seus valores são observados em vastas coleções de textos em formato digital – sejam textos escritos ou de fala transcrita – sempre com apoio computacional. Especialmente de ferramentas automáticas que permitem a geração de listagens e dados de ocorrências de palavras em diferentes *corpora* reunidos.

A LC é uma orientação para o nosso estudo porque salienta que, em amostras de usos de uma língua, criteriosamente reunidas, tem-se uma base para representar um estado de língua no seu todo. Seus enfoques são marcadamente quantitativos e guiados para o reconhecimento de padrões de usos, dos quais se partem para as considerações qualitativas e contrastes diversos. Esses elementos quanti-qualitativos, em diferentes técnicas de LC, oferecem caminhos importantes para o reconhecimento e a seleção dos itens que podem encabeçar nossos futuros verbetes do *GlossHist*.

Materiais e passos do trabalho

O *corpus* documental tomado para o nosso exame lexicométrico foi o seguinte:

a) *Arte*, do Pe. Santiago, que “desenvolveu a sua atividade no hospital militar da cidade de Elvas, em Portugal, onde escreveu a obra” (GONÇALVES, 2020). Sendo um manual para instrução de futuros noviços-enfermeiros, divide-se em três tratados, dos quais somente o segundo, contendo 59 capítulos (pp. 72-172), é nosso objeto de estudo lexicométrico. Seus outros dois tratados lidam com questões da formação religiosa (Tratado I) e temas de assistência à morte (Tratado III). O todo da obra está disponível gratuitamente, em uma versão digitalizada produzida em 2019, em *Internet Archive*.³ O material sob exame é composto por um universo de 15.837 palavras (*tokens*).

b) *Observações*, obra “constituída pelo relato minucioso do atendimento domiciliar e particular de Semedo aos enfermos que o procuraram, destinada a orientar outros médicos no tratamento de semelhantes casos” (LOURENÇO, 2016, p. 50). Nela temos o relato de 101 casos de atendimento de doentes. Uma versão digitalizada da obra, produzida em 2013, está disponível de forma gratuita na plataforma *Google Books*.⁴ O material textual sob exame contém um universo de 147.335 palavras (*tokens*).

Também foram consultados dicionários, tanto antigos como atuais, tomados como material de apoio para a identificação dos sentidos contextuais do vocabulário empregado. Dentre os antigos, estão *Diccionario da lingua portugueza* (1789) e *Vocabulario Portuguez & Latino* (1712-1728) de Rafael Bluteau, *Diccionario de Medicina Popular e das sciencias accessórias para uso das familias* (1890) de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, e *Diccionario da Lingua Brasileira* (1832) de Luís Maria da Silva Pinto. Consultamos também o *Dicionário Aulete Digital* por apresentar, além da definição do “verbo atualizado”, a do seu “verbo original”, da versão antiga desse dicionário. Também fizemos uso do *Dicionário Histórico do Português do Brasil* (DHPB), de 2021, obra monumental organizada por Maria Tereza Camargo Biderman e Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa. Vale salientar que o DHPB, além da consulta

³ Disponível em: <https://archive.org/details/b30507340>

⁴ Disponível em:

<https://books.google.pt/books?id=qCVH54Hs2i0C&dq=Observac%CC%A7oens+medicas+dout+rinaes>

aos seus mais de 10 mil verbetes, também permite consulta a todo o *corpus* documental reunido para a sua produção, que inclui documentos transcritos, de diferentes tipologias, impressos e manuscritos, de 1500 a 1808.

Materiais transcritos

Para descrever e analisar o vocabulário de *Arte e Observações*, com apoio computacional, recorreremos às transcrições das duas obras, em formato de arquivos de texto, centrando-nos apenas em suas partes de conteúdo mais técnico, conforme já mencionado. Procuramos preservar a ortografia original, mas, para facilitar o processamento dos arquivos, desconsideramos elementos como quebras de linhas e hifenação translinear. Assim, estão incluídas no material sob exame diversidades da escrita original, tais como vemos *cabello* e *tisoura* ou *agoa* e *agua* e *mão* e *mau* ou *flatusfas*. Elementos acessórios ao texto, partes introdutórias, índices, dedicatórias, bem como notas laterais de página em latim, não foram contemplados do exame. Desse modo, o texto para exame corresponde a uma série de arquivos de texto simples, sem formatação, conforme está no Exemplo 2.

(2)

OBSERVAÇAM XXIII .

De huma febre ardente , a que sobrevieraõ grandes faltas de somno , puxos ardentes , & dores inoportaveis de ventre , & das pernas , tudo procedido de qualidade gallica : & porque o Medico affistente atemorizado com a ardencia da febre , & multidaõ dos symptomas referidos se não resolvia a purgar ao doente , chegou a estar unguido , atè que por meu confelho tomou os pòs de mercurio doce , a que chamamos Calomelanos , & com elles salvou a vida com admiração de todos , & credito da Arte .

I . Parecerà incrível , & que excede a todo o encarecimento a cura , que fiz em Francifco Dias de Araujo , morador na Bica de Duarte Bello . Quarenta dias avia que este homem não podia dormir , nem soffegar por cauza de huma febre ardentiffima , acompanhada de ardentes puxos , a que se juntáraõ camaras continuas , acerrimas dores de ventre , & de ambas as pernas : & supposto que o sobredito enfermo , logo que adoeceo , chamou para director da fua cura hum Medico bem famigerado ; comtudo , porque a doença , & os referidos symptomas crefciaõ de monte a monte , me chamàraõ aos vinte & sete dias da doença ; & ouvindo eu o proceffo della , & dos remedios applicados , entendi que para acudir a taõ formidaveis symptomas , quaes são os referidos , era neceffario dar logo remedio opiado . affim porque a terribilidade das dores o podia .

Fonte: Elaboração própria

Como uma ferramenta para identificação e listagem das palavras empregadas nos textos, recorreremos ao *software* gratuito AntConc (ANTHONY, 2021). Assim como outras, essa ferramenta, bastante usual em estudos de LC, permitem “obter, de modo quase instantâneo, diferentes tipos de listas de usos e de frequências de palavras ou de terminologias conforme empregadas ao longo de toda uma dada coleção documental ou de várias coleções, ao mesmo tempo” (FINATTO, ESTEVES, VILLAR, 2022). O AntConc desconsidera sinais de pontuação, hifens e números, ou seja, cada “palavra” reconhecida corresponderá apenas a uma sequência de caracteres separada por espaços em branco.

Com os arquivos das transcrições das duas obras, em formato de arquivos TXT, formatados com a necessária codificação UTF-8, geramos diferentes listagens de palavras com suas respectivas frequências. Além disso, identificamos agrupamentos de palavras mais e menos recorrentes e valores de *tokens* e *types*, em que a quantidade de *tokens*, conforme apontada pelo AntConc, é o número total de palavras em um determinado texto, enquanto a de *types* é o número de palavras diferentes que o perfaz. Vale alertar que

diferentes ferramentas podem exibir contagens diferentes em função de, por exemplo, considerarem sinais e/ou símbolos como palavras.

Resultados

Buscando subsidiar a seleção de possíveis candidatos a verbetes para o *GlossHist*, verificamos as frequências de cada item/palavra e nos detivemos naqueles itens comuns às duas obras sob estudo. Dessa forma, um dado verbe sempre conteria informações de mais de uma fonte.

Primeiro, observamos alguns dados gerais dos dois conjuntos de textos, conforme o AntConc. Na Tabela 1, temos uma noção da dimensão do universo vocabular envolvido, como também um comparativo da frequência de palavras diferentes.

Tabela 1 – Valores de *tokens* e *types*

	<i>Observações</i>	<i>Arte</i>
<i>Tokens</i> /total de palavras	147.335	15.837
<i>Types</i> /palavras diferentes	17.447	2.395

Fonte: Elaboração própria

Observações possui um número muito maior de palavras (*tokens*), o que sugere uma grande quantidade de possíveis candidatos a verbe. Entretanto, como, inicialmente, nosso objetivo foi buscar, preferentemente, os itens lexicais comuns às duas obras, diminuimos nosso conjunto de opções. Na Tabela 2, temos alguns dos itens lexicais mais frequentes de cada uma das fontes, junto com seu *ranking* na lista de palavras completa, fornecida pelo AntConc, e a quantidade de vezes que aparecem em cada uma das obras. Além disso, calculamos também o valor da porcentagem de cada frequência com relação ao número total de *tokens*, para ter uma noção do quão presentes esses itens estão em seus respectivos textos. Vale observar, conforme reiterado, que estamos lidando com a ortografia original, não normalizada ou atualizada. Assim, uma mesma palavra como, por exemplo **água** apresenta-se nas suas diferentes formas (*types*) **agua** ou **agoa** ou, ainda, por outras.

Tabela 2 – Itens lexicais mais frequentes de *Observações* e de *Arte*

Obra	<i>Type</i>	Rank	Freq	% do total de <i>tokens</i>
<i>Observações</i> (147.335 <i>tokens</i>)	remedios	31	538	0,36%
	agua	33	505	0,34%
	remedio	36	456	0,31%
	dias	41	390	0,26%
	doente	44	363	0,25%
	dores	46	351	0,24%
	medicos	53	287	0,19%
	febre	75	205	0,14%
<i>Arte</i>	enfermo	7	276	1,74%

(15.837 <i>tokens</i>)	medico	23	89	0,56%
	agoa	29	73	0,46%
	enfermos	33	62	0,39%
	tempo	34	58	0,37%
	enfermeiro	40	49	0,31%
	hora	40	49	0,31%

Fonte: Elaboração própria

Vemos, a partir do item de maior frequência de cada obra, em tese, seus temas mais comuns: **remédios** em *Observações* e **enfermo** em *Arte*. Esses itens, assim como outros itens mais mencionados nos textos podem ajudar a nortear a escolha de nossos candidatos a verbetes.

Indo mais adiante na listagem, vemos que a primeira palavra relacionada a sintomas em *Observações* é **febvre**. Aparecendo 205 vezes no singular. Esse *type* é o 75º mais frequente de um total de 17.447. Em sua forma no plural, **febres**, ele aparece 57 vezes. Já em *Arte*, ele não é tão frequente: **febvre** aparece apenas 5 vezes, e **febres**, 7. Como um todo, entretanto, essa obra não apresenta sintomas de doenças entre seus itens principais: o seu primeiro item relacionado a sintomas de doenças é **fraqueza**, na posição 197 do *ranking de types*, sendo mencionado 11 vezes nessa obra. Seu foco, diferente de *Observações*, em que o médico Semedo descreve em detalhe os casos que tratava, parece estar mais em ensinar ao futuro enfermeiro a como lidar com doenças já conhecidas, visto a grande presença de **enfermo**, com uma frequência mais de duas vezes maior do que a do segundo item lexical.

Para prosseguir nossa seleção de candidatos, precisávamos, então, saber quais itens são exclusivos e quais são comuns tanto a *Observações* quanto a *Arte*. Para isso, levamos as listas do AntConc para o *software* Excel e usamos a sua função “Remover Duplicadas”. Colocando as duas listas de palavras em uma mesma coluna e usando essa função, obtemos a lista de *types* exclusivos de uma ou de outra obra, dependendo de qual das duas listas é colocada em segundo lugar na coluna. Usando novamente “Remover Duplicadas”, obtém-se a lista de *types* em comum a ambas. A Tabela 3 exemplifica como os primeiros itens das listas ficaram em nossa planilha no Excel.

Tabela 3 – Exemplos de *types* exclusivos e comuns às duas obras

<i>Types</i> exclusivos		<i>Types</i> exclusivos (ordem alfabética)		<i>Types</i> em comum
<i>OBSERVAÇÕES</i>	<i>ARTE</i>	<i>OBSERVAÇÕES</i>	<i>ARTE</i>	AMBOS
15.844 palavras	834 palavras	15.844 palavras	834 palavras	1.561 palavras
fe	agoa	á	abanando	a
me	capitulo	aaa	abrigado	à
não	enfermeiro	aaquellas	abrigallo	ab
tres	sima	aarea	abrigará	abaixo
doente	untura	abafadiças	abrirá	aberta

tinha	pano	abafado	abstiver	abertos
pois	determinar	abafamos	abuta	abobora
fe	situaçãõ	aballa	acaso	abraza
fem	trez	aballados	acezas	abrazado
annos	fareis	aballar	acode	abrigada
meu	houver	aballo	actuaçãõ	abrir
eſta	lançará	abandar	actuar	abundancia
oleo	veraõ	abas	acudirá	acabada
ſaõ	conservar	abatida	adiante	acabado
avia	cordial	abbadeça	admitte	acabando
cauſa	estará	abbadessa	admittir	acabar
doenças	applicareis	abſceſſos	adstringente	acçaõ
q	camiza	abdomem	advertência	accidental
ſangue	mandareis	abdomen	advertências	accidente
doentes	dano	abdõmen	advertido	accidentes
mandei	defensivo	abel	advertirá	acertado

Fonte: Elaboração própria

Como vemos, essas listas possuem não só os itens lexicais, mas também elementos gramaticais como SE e POIS, precisando ser feita, ainda, uma filtragem. Ainda assim, esses dados das já nos permitem pensar em possíveis verbetes para o *GlossHist*. Para ilustrar alguns pontos de partida, vejamos os itens **febre**, **lambedor** e **zaragatoa**:

- Febre** – como já visto, apesar de não tão frequente em *Arte*, é um dos mais mencionados de *Observações*.
- Lambedor** – apresenta-se como um remédio ou preparo usado em diferentes tratamentos. Em *Observações*, ocorre 35 vezes no singular e cinco no plural. Apesar da pouca presença em *Arte*, a obra tem um capítulo exclusivo para ensinar de como se deveria dar o **lambedor** ao doente.
- Zaragatoa** – podemos dizer que, conforme os contextos revelam, seria um tipo de cotonete “primitivo”. É citada três vezes em *Arte*, enquanto em *Observações*, somente ocorre uma vez.

Apenas esses três itens comuns às duas obras já permitem antever a construção de seus respectivos verbetes, que correspondem desde itens bastante frequentes, em comum, até os pouco frequentes.

O caso de febre

O que torna **febre** interessante, além da alta frequência em uma das obras do *corpus*, é que, consultados os dicionários antigos antes citados, vemos que se apontam diferentes tipos de *febres*, conforme resumimos a seguir:

i) Bluteau traz em *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712-1728) que **febre** é uma “doença, procedida de calôr preternatural, ou interperie calida, e secca do sangue, e delle se communicca a todo o corpo pelas veas, e outros symptomas, segundo a calidade, e diferença das Febres” (v. 4, p. 54). Aqui já vemos que não só há diferentes variedades de febre, como também elas podem diferir quanto aos sintomas. Já no *Diccionario da lingua portugueza* (1789), Bluteau define **febre** como “movimento desordenado da massa do sangue, com frequencia aturada das pulsações, e lesão das funções, acompanhada de um

calor excessivo as mais das vezes” (v. 1, p. 604). Ele também nomeia diferentes tipos de febre (**aguda, podre, maligna** etc.) e traz suas definições. Ele também as classifica de acordo com sua frequência: quotidiana, terça, quarta ou errática.

ii) No *Diccionario da lingua brasileira* (1832), **febre** é um “movimento desordenado da massa do sangue acompanhado de calor, ou sem ele” (f. 504). Ou seja, a temperatura corporal, que hoje consideramos como o principal fator para definir se uma pessoa tem febre, não é apresentado aqui como um sintoma central.

iii) No *Diccionario de Medicina Popular* (1890), **febre** corresponde a “aceleração das pancadas do pulso e um aumento na temperatura natural do corpo, provocados sympathicamente pela irritação de algum órgão” (v. 1, p. 1085), além de trazer outros sintomas que, segundo o autor, indicam essa irritação de um órgão.

iv) O atual *Dicionário Histórico do Português do Brasil – DHPB* (2021), que usa um *corpus* de textos de 1500 a 1808, traz a definição de “estado enfermo, caracterizado pela aceleração do pulso e aumento da temperatura do corpo”. O DHPB também uma lista definições para diferentes *tipos de febres* mencionados no seu acervo documental, alguns dos quais presentes no dicionário de Bluteau.

Essas noções de **febre** não são só diferentes, mas também podem corresponder a diferentes categorias ou tipos dessa condição/sintoma, conforme sua qualificação em diferentes cronologias. Uma síntese dos diferentes tipos de febres, que verificamos no nosso *corpus*, está na Tabela 4. A informação reproduzida segue o *DHPB*, antes citado, com ortografia atualizada.

Tabela 4 – Tipos de febres – *Dicionário Histórico do Português do Brasil – DHPB* (2021)

Tipo de febre	Definição
Febre ardente	Aquela que é violenta e aguda
Febre catarral	Febre mucosa com catarro pulmonar
Febre contínua	A que é seguida, sem interrupção.
Febre erisipelatosa	Aquela que é causada pela doença erisipela
Febre exantemática	Doença infecciosa aguda, muito contagiosa e transmitida pelo piolho; a falta de higiene e as grandes aglomerações facilitam a sua propagação
Febre héctica	O mesmo que febre lenta
Febre inirritativa	Doença caracterizada por pulso baixo, sem inflamação ou sintomas de putrefação
Febre intermitente	A que desaparece e torna de espaço em espaço, deixando o paciente com pulso baixo
Febre lenta	Aquela que causa a diminuição lenta das forças
Febre maligna	Doença febril, grave e contagiosa, que apresenta certa analogia com o tifo
Febre pestilente	O mesmo que febre maligna
Febre podre	Febre de humores que adquiriram podridão nas primeiras vias, de caráter repelente
Febre quartã	Diz-se da febre intermitente, que se repete de quatro em quatro

Fonte: adaptado de *Dicionário Histórico do Português do Brasil* (2021)

Alguns desses tipos de febre também aparecem em *Observações e Arte*. No material do médico, as mais citadas são **febre maligna, ardente, terçã e podre**, mas também estão presentes outros tipos. Vejamos alguns:

[...] quando huma das doenças tiver mayor perigo, como se se ajuntarem hũa **febre podre**, e huma parlesia, acudiremos primeiro à febre sangrando, e temperando, e ao depois trataremos da parlesia. (SEMEDO, 1707, p. 300, grifos nossos)

No mesmo tempo em que estava imprimindo estas Observações, me chamaraõ para curar a huma doente, que além de ter huma **febre ardentissima**, padecia taõ terriveis ancias de coraçãõ, que naõ cabia na cama; tinha a lingua taõ aspera, secca, e denegrída humas dores no ventre de taõ desmedida grandeza, que tiravaõ o somno, e lhe caussavaõ hũ fastio indizível, ainda as cousas mais agradaveis ao palato (SEMEDO, 1707, p. 101, grifos nossos)

Quantas vezes entendemos que as **febres contínuas, lentas, e habituaes** tem por causa a seccura, e a quentura das partes solidas, e ellas trazem o seu nascimento da qualidade venerea? (SEMEDO, 1707, p. 41, grifos nossos)

Semedo também menciona apenas **febre**: “[...] o ar, que o enfermo respirava, era taõ quente, que parecia fogo, quando (a respeito da febre) devia ser mais frio, que o de que necessitaõ os que tem saude” (SEMEDO, 1707, p. 521).

Por sua vez, *Arte*, representando os conhecimentos dos enfermeiros da época, além do item **febre** isolado, traz **febre aguda, maligna e terçã**: “deve ter muito grande cuidado o Enfermeiro com os enfermos, que tem crescimentos de **febres malignas, agudas, ou terçãs**, naõ os deixando dormir” (SANTIAGO, 1741, p. 142). *Arte* traz recomendações específicas sobre como o noviço-enfermeiro deveria tratar um paciente acometido por febre:

A hora mais propria para dar agoa a hum enfermo, he na declinaçaõ da **febre**, ou seja **de terçã, ou de outra qualquer qualidade**. A muitos Medicos tenho ouvido dizer, que para melhor se conhecer a declinaçaõ da **febre**, he quando o calor desce aos pés, e ficaõ mais quentes, que as mãos, e que he doutrina de Avicena (SANTIAGO, 1741, p. 137, grifos nossos)

O manual de enfermagem também menciona sintomas associados com **febre**, como suor, no exemplo a seguir. Nesse trecho, vemos que as febres podem causar diferentes tipos de suor, que devem ser tratados de maneiras diferentes:

Porque em muitas **febres** costumaõ vir algumas vezes suores, que em alguns enfermos terminaõ bem, e em outros mal, pela boa, ou má qualidade delles; he muito preciso que o Enfermeiro para os remediar, e suspender, ou para os ajudar a suar mais, tenha conhecimento delles. (SANTIAGO, 1741, p. 144, grifos nossos)

Como podemos ver, um verbete no nosso *GlossHist* para **febre** precisaria não só de uma definição, mas também de alguma conexão com os diversos tipos de febre mencionados no *corpus*. Ademais, seria importante vincular ao verbete a termos

relacionados semântica e pragmaticamente à palavra-entrada, tais como palavras ou expressões correspondentes a sintomas, tratamentos ou itens como, **suores/suor**.

O caso de lambedor

Mencionado seis vezes em *Arte* (cinco no singular e uma no plural) e quarenta em *Observações* (trinta e cinco no singular e cinco no plural), um exemplo de candidato a verbete de baixa frequência é o **lambedor**. Buscamos contextos em que a palavra aparece nas duas obras, além de suas definições nos dicionários citados anteriormente.

Começamos com *Arte*. Conforme já mencionado, esse manual de Enfermagem traz um curto capítulo, intitulado “*Lambedor como se ha de dar*”, em que Santiago descreve os passos do procedimento:

247 **Lambedor** se deve dar de fôrma, que não chegue ao estomago, e de quarto a quarto de hora. Sendo de Veraõ, será frio; e de Inverno, quente.

248 Para se tomar com facilidade, e que possa aproveitar ao enfermo, lhe poreis ao enfermo junto da cama o vaso, que tiver o **lambedor**, com huma raiz de alcaçus machocada na ponta, e chupando nella de quarto a quarto de hora, lhe fará proveito. Sendo de Inverno, lhe poreis junto da cama hum brazeiro com pouco lume, para que se possa conservar quente, recomendando ao enfermo não tome mais vezes (SANTIAGO, 1741, pp. 132-133, grifos nossos).

Observações, por sua vez, refere **lambedor** em vários dos seus tratamentos, com composições e usos diferentes, muitas vezes em conjunto com outros ingredientes. Nos exemplos abaixo, vemos **lambedor** sendo usado – ou sozinho ou compondo outros preparos – para aliviar dores e tosses e diminuir calor corporal. E há também, em uso, alguma tipologia desse preparo, que se depreende por seus qualificativos.

[...] assim as dores de estomago, como os arrotos, (postoque azedos) procediaõ mais da quentura das entranhas, & dos hypocondrios, que de frialdade; [...] & nas noites ajudas de ameijoada feitas de caldo de frangão cozido com ameixas, violas, & farelos lavados; ajuntando a casa cinco onças deste cozimento morno a agua de três claras de ovos bem batidas, & duas onças de **lambedor violado** [p. 36], sem levar sal, nem oleo, nem outra cousa, que irritasse a natureza; porque deste modo se sustentaõ dentro no corpo muita parte da noite, refrescãõ muito as entranhas, & dispõem a natureza de purgar (SEMEDO, 1707, P. 36, grifos nossos).

[...] vi rouquidões do peyto, que nem com **lambedor de oleo de amêndoas doces** feito sem fogo, & amassado com alfenim, nem com o lambedor feito de mucilagens de malvaíscos, pò de alcaçuz, & assucar cande violado, [...] tiveraõ alivio [...] (SEMEDO, 1707, P. 36, grifos nossos).

Naõ quis o companheiro seguir meu conselho, [...] persuadindo-se que para mitigar a ferocidade das dores, & provocar o somno, bastariaõ humas amendoadas adoçadas (em lugar de assucar) com duas onças de **lambedor de papoulas** (p. 140), ou de dormideiras, & hum lenimento de unguento populeaõ sobre as fontes, & testa (SEMEDO, 1707, P. 140, grifos nossos).

O médico Semedo também traz receitas para produzir **lambedor(es)**, como vemos a seguir:

Tomem de canela muito fina duas oitavas, de cravo da India huma oitava, de erva doce oitava & meya, de zedoaria, & de semente de bisnaga, de cada cousa destas hũa oitava, de bagas de louro, & folhas de erva montãa, de cada cousa destas duas oitavas, tudo se faça em pô grosso, & em huma redoma de vidro com hum quartilho de agua ardente finíssima se tenha de infusão três dias, no fim quaes se coe, & com assucar **se faça hum lambedor**, & se aromatize com meya oitava de almíscar [...] (SEMEDO, 1707, p. 293, grifos nossos).

A partir das obras do enfermeiro e do médico, ainda que separadas por um intervalo de tempo de quase 50 anos, temos uma noção das formas de aplicação, usos e composições daqueles **lambedores**. Examinando os contextos, depreende-se que eram preparos para serem **lambidos** ou **chupados** pelos doentes mais debilitados, especialmente os acamados. Para uma definição mais concreta de como esse preparo seria entendido, naquele contexto do século XVIII, frente ao que se entende hoje, partimos para a busca de suas definições presentes nos dicionários que nos servem de apoio, reunidas na Tabela 5.

Tabela 5 – Definições de lambedor em dicionários de apoio

Fonte	Definição
<i>Vocabulario Portuguez & Latino</i> (1712-1728)	“Composição pharmaceutica, de mediana consistencia, entre xarope, & a dos julepes electuarios moles, assim chamada, porque o enfermo, que o deixa ir deslizando pouco, & pouco pela garganta, não o bebe propriamente, mas em certo modo lambe-o” (v. 5, p. 26)
<i>Diccionario da lingua portugueza</i> (1789)	“especie de xarope, ou julepe” (v. 2, p. 4)
<i>Diccionario da Lingua Brasileira</i> (1832)	“Especie de xarope” (f. 642)
<i>Diccionario de Medicina Popular e das sciencias accessórias para uso das familias</i> (1890)	“Medicamento liquido composto da infusão de alguma planta misturada com um xarope. Dá-se também o nome de lambedor a um simples xarope, uma emulsão, um loock, ou a qualquer outra poção doce” (v. 2, p. 273)
<i>Dicionário Histórico do Português do Brasil – DHPB</i> (2021)	“Xarope medicinal, feito de açúcar dissolvido em suco de flores ou frutos, empregado para os humores do peito e pulmões.”
<i>Dicionário Aulete Digital</i>	“Xarope feito com açúcar em dissolução no sumo dos frutos ou no suco das flores; looque”

Fonte: Elaboração própria

Como podemos ver, todos mencionam **xarope** na definição e/ou explicação para **lambedor**. Em geral, um xarope é um líquido, mais ou menos denso, tomado com o uso de colheres ou de algum tipo de copo pequeno. Alguns desses dicionários mencionam

também **julepe** e **loock** ou **looque**. De acordo com Bluteau (1789), **julepe** é uma “preparação Medicinal para beber-se” (v. 1, p. 746), enquanto **loock**, segundo Chernoviz (1890), é “palavra árabe que serve para designar uma poção, empregada nas moléstias acompanhadas de tosse” (v. 2, p. 331), sem menção às suas consistências e/ou densidade.

Apesar do termo não ser tão comum atualmente no cenário brasileiro, ainda encontramos usos de **lambedor** em falares interioranos, do Sudeste ao Norte do Brasil. **Lambedores** fazem parte de receitas tradicionais de xaropes caseiros, associados a tratamentos fitoterápicos. Além disso, hoje tornaram-se temas de explorações em farmacologia cultural e histórica. Todavia, um correspondente para um **lambedor que se lambe ou chupa** – não exatamente um xarope – pode estar nos atuais alimentos terapêuticos pastosos, porcionados em sachês ou saquetas. Um uso desses medicamentos, em forma de um gel pastoso, está ilustrado na Figura 1.

Figura 1 – Imagem de um provável equivalente a **lambedor** atual



Fonte: Adaptado de RUTF (Ready-to-Use Therapeutic Food). Disponível em: <https://www.edesianutrition.org/>. Acesso em: 1 abr. 2023.

Ademais, verificamos pontos comuns e diferenças quanto às descrições e empregos de **lambedor** de Smedo (1707) até Santiago (1741): de um preparo para diferentes pacientes, em atendimentos domiciliares, a um recurso específico para aplacar debilidades das pessoas acamadas, atendidas em um enfermaria de um hospital militar. Assim, um verbete para **lambedor** poderá contrastar diferentes suas conceituações, oferecendo uma visão de como o seu uso desse foi sendo transformado, do seu preparo aos ingredientes que o compunham. Desse quadro, torna-se possível com uma conexão para os nossos atuais alimentos terapêuticos modernos, de apresentação pastosa. Vale mencionar, ainda, que no Brasil o tema dos lambedores-xaropes segue sob interesse. Isso se depreende da Figura 2, de uma notícia atual, de 2020.

Figura 2 – Imagem de notícia sobre a herança cultural do *lambedor* atual



Fonte: Adaptado de G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2018/07/29/conheca-a-receita-do-lambedor-remedio-caseiro-tradicional-do-sertao-potiguar.ghtml>. Acesso em: 1 abr. 2023.

O caso de zaragatoa

Outro possível verbete no *GlossHist* é **zaragatoa**. Trata-se de uma espécie de planta, como apresentada na Figura 3. Conforme os contextos do *corpus*, o vegetal possuía, no seu todo ou em suas partes, uma função similar à de um atual cotonete de haste longa, que lembra, para nós, no Brasil, o desconfortável *swab* utilizado nos testes de Covid. Em Portugal, *zaragatoa* é termo de uso muito frequente equivalente a *swab*. Podemos observar essa função no uso das suas sementes em *Arte*, em que usando também pano e uma vareta, pode-se construir algo similar ao que se vê em uma imagem atual da planta na Figura 3 – em um processo de metonímia, em que a parte vale pelo todo:

Para conservares ao enfermo a lingua fresca, lhe tereis prompta huma **zaragatoa**. Embrulhareis estas sementes em hum pano fino, que fique redondo, mayor que huma avelã, e atando hum paozinho nesta cabeça de pano, ficará em fôrma de se poder usar della para o dito ministerio. Quando não haja **as sementes de zaragatoa**, podem supprir as pevides de marmello. Advirto, que na agoa, em que se molhar a **zaragatoa**, se lhe haõ de lançar humas pingas de vinagre (SANTIAGO, 1741, p. 136), grifos nossos.

Observações traz um contexto similar para o uso das sementes da planta: “tinha tão grandes amargores de boca, q nem lavando-a com agua avinagrada, nem com **zaragatoa de pevides de marmelo**, [...] os podia moderar” (SEMEDO, 1707, p. 359, grifos nossos).

Figura 3 – Imagem da planta **zaragatoa**



Fonte: Naturdata (2022). Disponível em: <https://naturdata.com/especie/Plantago-coronopus-subsp.-coronopus/4927/0/>

A partir dessas definições e contextos antigos, além informações de ordem gramatical e das imagens de plantas ou mesmo de figuras associadas as de outros itens do vocabulário nos textos do século XVIII, temos o começo do que poderia aparecer na entrada para **zaragatoa**. Há, entretanto, outras fontes que podem complementar as informações, trazendo esse termo com ortografias diferentes. O *Diccionario da lingua portuguesa* (BLUTEAU, 1789, v. 2, p. 539), por exemplo, define **zaragota** como “erva medicinal. *Psylion*”, enquanto *Diccionario da lingua brasileira* de Pinto (1832, p. 1108), traz que **zaragata** é uma “herva medicinal chamada em Latim *Psylion*”.

Psílio, na ortografia atual, por sua vez, é um termo que corresponde hoje a uma fibra alimentar. Esse termo poderia ser apontado como um item remissivo/relacionado, compondo o nosso imaginado verbete ilustrado. Um verbete enriquecido, ainda, com outros possíveis usos antigos da planta. Assim, da mesma forma que com os outros dois itens candidatos, um verbete para **zaragatoa** pode oferecer ao consulente mais informações do que uma definição contextual ou coletada em dicionários antigos e novos, mas também um contraste dos diferentes usos desse termo/vocábulo em relação com outros termos e conexões com o conhecimento atual associado ao item.

Considerações finais, outras conexões e perspectivas

A partir desse estudo exploratório, esperamos ter dado um primeiro passo na criação do *GlossHist*, um recurso de apoio à leitura associado ao *corpus histórico* que estamos reunindo. Conforme nos estudos, pelo menos três itens comuns aos textos sob exame já mereceriam encabeçar verbetes: **febre**, **lambedor** e **zaragatoa**.

Futuramente, os verbetes desse glossário deverão integrar pontos de referência para um hiperdicionário de Epidemiologia Histórica, de forma a oportunizar, também,

conexões atuais para esse *continuum* de saberes, conhecimentos e práticas. Essas conexões podem ser concretizadas com a associação dos dados contextuais do nosso *GlossHist*, por exemplo, sobre as **febres** do século XVIII com dados atuais da base PubMed ou mesmo do *corpus* CLEF, um acervo de narrativas clínicas da atualidade, semanticamente anotado.⁵ Segundo Termignoni (2015, p. 20), um “hiperdicionário é um dicionário *on-line* projetado para usufruir das vantagens do hipertexto – um conjunto de informações ligadas entre si e editadas no computador”. Esse seria um futuro recurso a ser baseado no *GlossHist*.

Outras informações possíveis associadas a **febre** no *GlossHist* podem advir de diferentes fontes e/ou acervos. Um potencial ponto de conexão seria *corpus* documental das *Gazetas manuscritas da Biblioteca de Évora. Vol. I (1729-1731)*. Esse *corpus* está disponibilizado em formato *on-line* pelo *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe* (GALVES, ANDRADE, FARIA, 2017). As *Gazetas*, nesse acervo, exibem 18 menções a **febre** que podem servir como novos contextos e cenários de uso da palavra pelas pessoas leigas nos assuntos médicos daquela época.

Outro exemplo de fonte de conexões coevas para o *GlossHist* é *Dicionário Histórico de Termos da Biologia*, que “traz definições e informações histórico-etimológicas para termos da Biologia extraídos de textos científicos do século XVIII” (MARONEZE, 2022). Esse dicionário histórico inclui informações sobre espécies botânicas e contextos vindos de um *corpus* digital específico (MARONEZE, 2019). No presente momento, esse dicionário ainda não inclui o verbete **zaragatoa**, mas traz a definição de vários termos relacionados a plantas medicinais.

Outras conexões: dados ligados

O relato 23 de *Observações da obra de Semedo (1707)*, cujo início está ilustrado no Exemplo 2, antes apresentado, oferece outros exemplos de informações que poderiam ser adicionadas ao conjunto de *links* em um imaginado hiperdicionário. Nessa *Observação* médica, temos, por exemplo, o nome de um paciente atendido, *Francisco Dias de Araújo*, que padecia de *febres ardentíssimas*. Uma conexão, entre nomes de pessoas e nomes de doenças, na linha das Entidades Nomeadas, extrapola vocábulos de valor terminológico.

Todavia, permitiria vincular diferentes dados sobre doenças, doentes e seus tratamentos ao longo de uma cronologia em um espaço-tempo. A mesma ideia aplicar-se-ia ao local de residência do paciente, mencionado na *Observação*, a *rua da Bica de Duarte Belo*, em Lisboa. Com esses elementos, seria possível enriquecer a pesquisa da pessoa interessada nesses materiais médicos antigos, o que seria feito por meio de um recurso de geolocalização.

Essas informações externas, além do núcleo dos dados antigos, também poderiam ser concretizadas com os nomes de outros médicos, cirurgiões ou autores da Medicina citados nos textos do século XVIII, entre tantos outros elementos. Do *GlossHist*, chegaríamos a toda uma rede de dados relacionados, provenientes de fontes documentais da atualidade, como os Descritores de Saúde (DECS) ou o catálogo CID, Classificação Internacional de Doenças.

Nessa direção, os recursos nuvens de palavras, associados às fontes médicas antigas, poderiam somar-se aos grafos de conteúdo gerados por sistemas como a ferramenta de representação de conteúdo denominada SOBEK (REATEGUI et al., 2011). A Figura 9 traz um exemplo de uma nuvem de palavras formada pelas primeiras 160

⁵ Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2655900/>

palavras da citada *Observação* 23 de Semedo. O limite de 160 palavras vem da ferramenta *on-line* que foi usada para gerar a nuvem. A figura só tem a função de mostrar uma possibilidade desse recurso no imaginado hiperdicionário, sem levar em conta a limitação de tamanho do texto.

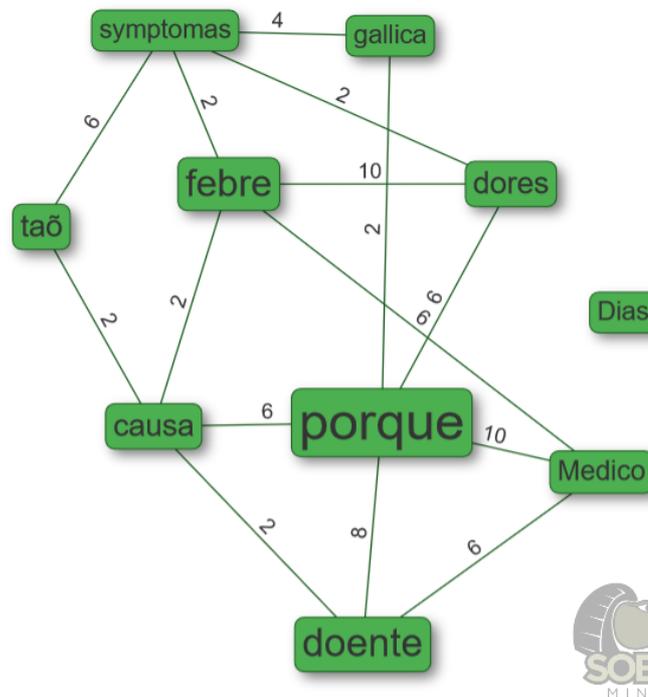
Figura 4 – Nuvem de palavras de trecho do capítulo 23 de *Observações* – gerada pela ferramenta MathCracker



Fonte: MathCracker. Disponível em: <https://mathcracker.com/pt/gerador-nuvem-palavras>

Por sua vez, a Figura 10 mostra os principais termos do relato 23 de do médico e suas relações estabelecidas via verbos e conectores expressos pelo SOBEK. Essas relações podem nos ajudar a perceber, com destaque, os elementos nominais associados por verbos, ao longo de um texto ou base de textos. O levantamento dessas características é um dos pontos de interesse da Lexicometria, referidos ao início deste artigo.

Figura 10 – Principais termos da observação 23



Fonte: Sobek. Disponível em: <http://sobek.ufrgs.br/>.

Concluindo este artigo, vale dizer que quisemos evidenciar que o exame lexicométrico do material do século XVIII que recortado foi apenas um primeiro passo, com resultados promissores. Esperamos que a ampliação dos *corpora* do nosso projeto e o *GlossHist*, uma vez concretizado, possam apoiar a leitura e interpretação dessas obras médicas de valor histórico. Assim, ainda que em andamento, este estudo também buscou demonstrar o papel e as contribuições da pesquisa linguística no âmbito das Humanidades Digitais.

Referências

- ANTHONY, Laurence. **AntConc**. Versão 4.0.0. Tóquio, Japão: Waseda University, 2021. Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software.html>. Acesso em: 25 mar. 2022.
- BERBER SARDINHA, Tony. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo; MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa (org.). **Dicionário Histórico do Português do Brasil: séculos XVI, XVII e XVIII**. Araraquara: FCL-UNESP, 2021. Disponível em: <http://dicionarios.fclar.unesp.br>. Acesso em: 12 mar. 2022.
- BISOGNIN, Tadeu Rossato. **Sem medo do internetês**. Porto Alegre: AGE, 2009.
- BLUTEAU, Raphael. **Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Raphael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Tomo segundo. L-Z**. Lisboa, 1789. Disponível em <https://purl.pt/29264/1/1-2894-a/html/index.html#/4-5>. Acesso em: 3 abr. 2023.
- BLUTEAU, Rafael. **Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico ... : autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D. João V**.

Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728. 8 v; 2 Suplementos. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/vocabulario-portuguez-latino-aulico-anatomico-architectonico/>. Acesso em: 3 abr. 2023.

CARVALHO, Soraya Souza Biller Teixeira, MARENGO, Sandro Marcio Drumond Alves; BOCORNY FINATTO, Maria José. 2022. Construindo fichas terminológicas para estudos sócio-históricos. **Revista Diálogos**, v. 10, n. 3, p. 261–279, dez. 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/14784> Acesso em: 28 jun. 2023.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleao. **Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorios para uso das familias, contendo a descrição das Causas, symptomas e tratamento das moléstias; as receitas para cada molestia; As plantas medicinaes e as alimenticias; As aguas mineraes do Brazil, de Portugal e de outros paizes; e muitos conhecimentos uteis.** 6. ed. Paris: A Roger & F Chernoviz, 1890. 2 v. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/diccionario-de-medicina-popular-e-das-sciencias-access%C3%B3rias-para-uso-das-familias/>. Acesso em: 3 abr. 2023

Dicionário Aulete Digital. Rio de Janeiro: Lexicon, 2022. Disponível em: <https://aulete.com.br/>. Acesso em: 1 abr. 2023.

DURY, Pascaline; PICTON, Aurélie. Terminologie et diachronie: vers une réconciliation théorique et méthodologique? **Revue française de linguistique appliquée**, vol. 14, p. 31-41, 2009/2.

FINATTO, Maria Jose Bocorny; ESTEVES, Francine Facchin; VILLAR, Guillermo Silva. Construindo uma terminologia de raiz: textos legislativos sob exploração terminológica. **PLATÔ – Revista do Instituto Internacional da Língua Portuguesa**, n. 9, v. 5, p. 76-97, 2022. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/67427397/plato-vol-5-n-9-2022-nivel-lexical-as-palavras-e-os-termos-desafios-politico-linguisticos-para-o-portugues-lingua-pluricentrica>. Acesso em: 28 jun.2023.

FINATTO, Maria Jose Bocorny; PARAGUASSU, Liana Braga. Comunicação acessível em temas de Saúde Pública: textos e terminologias sobre epidemias, do passado ao presente. *In*: MOREIRA, Glauber Lima, COSTA, Lucimara Alves da Conceição, ALVES, Ieda Maria (Org.). **Pesquisas em Lexicologia, Lexicografia e Terminologia.** Campinas: Pontes, 2022. p. 189-232.

GALVES, Charlotte; ANDRADE, Aroldo Leal de; FARIA, Pablo. **Corpus Histórico do Português Tycho Brahe.** 2017. Disponível em:

<https://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus>. Acesso em: 25 mar. 2023.

GONÇALVES, Maria Filomena. A Arte de Enfermeiros (1741): aspetos do léxico relativo a doenças e remédios no século XVIII. **Panace@**, vol. 21, n. 52, p. 68-85, 2020.

LOURENÇO, Ânia Souza. **O médico entre a tradição e a inovação:** João Curvo Semedo. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

MARONEZE, Bruno. Termos neológicos em sincronias pretéritas: um estudo do Dicionario dos Termos Technicos de Historia Natural de Vandelli. *In*: GIL, Beatriz Daruj et al. **Saberes lexicais.** São Paulo: FFLCH-USP, 2019. p. 96-109.

MARONEZE, Bruno (coord.). **Dicionário Histórico de Termos da Biologia.** 2022. Disponível em: <https://dicbio.ffiich.usp.br/>. Acesso em: 03 abr. 2023.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz. De Males e Dores: a variação terminológica na denominação de doenças no Português do Brasil colonial. **Papéis**, Campo Grande, v. 24, Nº Especial, p. 289-320, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/papeis/article/view/12405>. Acesso em 28 de junho de 2023.

PINTO, Luís Maria da Silva. **Diccionario da lingua brasileira**. Ouro Preto, Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/diccionario-da-lingua-brasileira/>. Acesso em: 3 abr. 2023.

QUARESMA, Paulo. Análise linguística de documentos da Biblioteca Pública de Évora Uma abordagem informática. In: GONÇALVES, Maria Filomena; BANZA, Ana Paula (coord.). **Património Textual e Humanidades Digitais: Da antiga à nova Filologia**. Évora: CIDEHUS, 2013, p. 139-155. Disponível em: <https://books.openedition.org/cidehus/1091>. Acesso em: 10 jan. 2022.

REATEGUI, Eliseo; EPSTEIN, Daniel; LORENZATTI, Alexandre; KLEMMANN, Miriam. Sobek: a Text Mining Tool for Educational Applications. In: International Conference on Data Mining, 2011, Las Vegas, Estados Unidos. **Anais do DMIN '11**, 2011. p. 59-64.

SANROMÁN, Álvaro Iriarte; DOCÍO, Susana Sotelo. Análise lexicométrica: algumas técnicas aplicadas a entrevistas a visitantes de Santiago de Compostela. In: FEIJÓ, Elias J. Torres; PRADO, Felisa Rodrigues; SANROMÁN, Álvaro Iriarte (Eds.). **Contar o caminho de Santiago: Literatura, discurso(s) e efeitos sociais na comunidade local**. Lisboa: Colibri, 2022. p. 233-260.

SANTIAGO, Fr. Diogo. **Postilla religiosa, e arte de enfermeiros, Guarneçada com eruditos conceitos de diversos Autores. facundos, Moraes, e Escriturarios**. Lisboa Occidental: Na officina de Miguel Manescal da Costa, Impressor do Santo Officio, 1741. Disponível em: <https://archive.org/details/b30507340>. Acesso em: 30 mar. 2022.

SEMEDO, João Curvo. **Observações medicas doutrinaes de cem casos gravissimos**. Lisboa: Na officina de Antonio Pedrozo Galram, 1707. Disponível em: <https://books.google.pt/books?id=qCVH54Hs2i0C&dq=Observac%CC%A7oens+medicas+doutrinaes>. Acesso em: 30 mar. 2022.

SILVA, Fernando Moreno da; BEVILACQUA, Cleci Regina. Lexicon sciences dictionary based on gtlex/anpoll members' publications. **SciELO Preprints**, 2021. DOI: 10.1590/1678-460x202151021. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/3172>. Acesso em: 30 mar. 2022.

TERMIGNONI, Susana. **Bases teórico-metodológicas para um hiperdicionário semibilingue de expressões idiomáticas italiano-português em meio a um ambiente virtual de aprendizagem**. 2015. Tese (Doutorado em Lexicografia, Terminologia e Tradução: Relações Textuais) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

Submetido em: 28 de fevereiro de 2023.

Aprovado em: 20 de junho de 2023.